

Mediação da leitura no processo de atribuição de sentido e significado para o (re)conhecimento identitário e o protagonismo dos sujeitos sociais

Raquel do Rosário Santos
quelrosario@gmail.com

Ana Claudia Medeiros de Sousa
ana.violista@gmail.com

Pamela Oliveira Assis
mell.oliveira20@hotmail.com

Gisele Meneses de Paula Almeida Sousa
gisamenesespas@gmail.com

João Manoel Santana Ferreira Santos
redtailjs@gmail.com

Tamiris Barros Silva
Universidade Federal da Bahia, Instituto de Ciência da Informação, Salvador, BA, Brasil
tamysilva2034@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.26512/rici.v14.n3.2021.37458>

Recebido/Recibido/Received: 2021-04-12
Aceitado/Aceptado/Accepted: 2021-09-04

Resumo: Ao compreender o ato de ler como subjetivo, cultural e político, é necessário refletir sobre como a mediação da leitura pode contribuir para que os sujeitos compreendam seu sentido e o significado e para construir e fortalecer seu processo identitário e o protagonismo social. Para tanto, é fundamental aprofundar as pesquisas que demonstram a importância da mediação da leitura nesse processo. Nessa perspectiva, este artigo tem o objetivo de evidenciar, a partir da literatura da Ciência da Informação e áreas correlatas, que trata da mediação da leitura, aspectos que abordam o processo de atribuição de sentido e significado para o (re)conhecimento e o fortalecimento identitário como basilar para o alcance do protagonismo social. Esta pesquisa se caracteriza como qualitativa e tem como método o bibliográfico, relacionando aspectos conceituais e analíticos que subsidiaram o estudo. Os resultados indicaram que as atividades de mediação da leitura podem despertar o gosto e o prazer pela leitura (literária, artística, musical etc.) - o que requer do agente mediador que considere os contextos socioculturais em que os sujeitos estão inseridos - e que a mediação consciente da leitura colabora para a formação dos sujeitos, tanto no âmbito individual quanto no coletivo, e apresenta um caráter (trans)formador no desenvolvimento de leitores críticos, conscientes e autônomos, impulsionando-os a alcançar o protagonismo social.

Palavras-chave: Mediação da leitura. Sentido e significado. Identidade. Protagonismo social.

Reading mediation in the process of attributing sense and significance for identity and protagonism recognition of social subjects

Abstract: When understanding the act of reading as subjective, cultural and political, it is necessary to reflect on how reading mediation can contribute for the subjects to understand its sense and significance and to build and strengthen their identity process and social protagonism. Therefore, it is

fundamental to deepen the research that demonstrates the importance of reading mediation in this process. In this perspective, this article aims to highlight, from the Information Science literature and related areas, which deals with reading mediation, aspects that address the process of attributing sense and significance for identity recognition and strengthening as basic to achieve social protagonism. This research is characterized as qualitative and uses the bibliographic method, relating conceptual and analytical aspects that supported this study. The results indicated that reading mediation actions can awaken the taste and pleasure for reading (literary, artistic, musical, etc.) - which requires the mediating agent to consider the socio-cultural contexts in which the subjects integrate - and also that conscious reading mediation contributes to form the subjects, both individually and collectively, and has a (trans)formative character in the development of critical, conscious and autonomous readers, stimulating them to achieve social protagonism.

Keywords: Reading mediation. Sense and significance. Identity. Social protagonism.

Mediação de leitura em el proceso de asignación de sentido y significado para el (re)conocimiento identitario y protagonismo de los sujetos sociales

Resumen: Al comprender el acto de la lectura como subjetiva, cultural y política, es necesario reflexionar sobre como la mediación de lectura puede contribuir a los sujetos a entender su sentido y el significado y para construir y fortalecer su proceso identitario y el protagonismo social. Por tanto, es fundamental para profundizar la investigación que demuestra la importancia de la lectura de la mediación en este proceso. En esta perspectiva, este artículo tiene el objetivo de evidencia a partir de la literatura de Ciencias de la Información y áreas relacionadas, que se ocupa de mediación de lectura, aspectos que abordan el proceso de asignación de sentido y significado para el (re)conocimiento y el fortalecimiento identitario como algo fundamental para el alcance del protagonismo social. Esta pesquisa se caracteriza por ser cualitativa y utiliza el método bibliográfico, relacionando aspectos conceptuales y analíticos que sustentaron el estudio. Los resultados indicaron que las actividades de mediación de lectura pueden despertar el gusto y placer de la lectura (literaria, artística, musical, etc.) - lo que requiere que el agente mediador considere los contextos socioculturales en los que se insertan los sujetos - y que la mediación consciente de la lectura colabora para la formación de los sujetos, tanto individual como colectivamente, y tiene un carácter (trans)formativo en el desarrollo de lectores críticos, conscientes y autónomos, impulsándolos a alcanzar el protagonismo social.

Palabras claves. Mediación de lectura. Sentido y significado. Identidad. Protagonismo social.

1 Introdução

Ao refletir acerca da constituição identitária de um sujeito, devem-se levar em consideração suas vivências e a qual contexto ele pertence, visto que essa construção é realizada mediante as percepções e as interpretações que esse sujeito faz do seu meio, a maneira como se reconhece e que ele relaciona as memórias individual e coletiva. Diante do exposto, compreende-se que a mediação da leitura, ao ser realizada de maneira consciente, possibilita o reconhecimento e a apropriação realizados pelo sujeito sobre os aspectos constituintes do seu contexto social.

Compreende-se que a leitura é um ato subjetivo e cultural, uma vez que favorece e apoia os sujeitos na atribuição de sentido e de significado dos diversos discursos que os cercam. No processo de apropriação da leitura, entende-se como necessária a busca por associações com as vivências e com o repertório de conhecimentos dos sujeitos. Mediante as possíveis associações realizadas pelos leitores, os mediadores poderão auxiliá-los a ressignificar suas atuações no meio social, contribuindo para o fortalecimento identitário e o desenvolvimento do protagonismo social.

Por meio da interação e da apropriação que os sujeitos realizam no processo de mediação da leitura, é possível envolver os aspectos sociais, culturais e políticos. Os mediadores da leitura podem oportunizar um espaço dialógico e confortável em que os sujeitos possam se expressar, compartilhar suas experiências e despertar o prazer pela leitura e a autonomia.

Nessa conjuntura, este trabalho é um fragmento de uma pesquisa em desenvolvimento que versa sobre a relação da mediação da leitura com as atribuições de sentido e significado para o reconhecimento identitário, em que as leituras e reflexões evidenciaram uma lacuna e a necessidade de produções sobre mediação da leitura que tenha como cerne as questões identitárias. Diante disso, para esta comunicação, traçou-se como objetivo evidenciar, a partir da literatura da Ciência da Informação e áreas correlatas, que trata da mediação da leitura, aspectos que abordam o processo de atribuição de sentido e significado para o (re)conhecimento e o fortalecimento identitário como basilares para o alcance do protagonismo social.

Quanto à metodologia, esta pesquisa é descritiva e foram adotados a abordagem qualitativa e o método bibliográfico, relacionando aspectos conceituais e analíticos que subsidiaram o estudo, o qual foi fundamentado nos pressupostos teóricos e conceituais de Martins (1988); Perrotti (1999) e Petit (2009) sobre a leitura; de Bortolin (2007), que aborda a mediação da leitura; os conceitos de sentido e significado defendidos Pinto (2018) e Dumont (2020); e sobre memória e identidade, abordado por Stuart Hall (2006) e Tolentino (2018).

No que se refere aos procedimentos, como citado anteriormente, esta pesquisa bibliográfica foi realizada com base em textos científicos resultado do levantamento em bases de dados nacionais, tais como: Biblioteca Eletrônica Científica Digital (SciELO); Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI); Portal de Periódicos da Capes, dentre outras fontes de informação as quais possibilitaram a recuperação de textos que versam sobre os temas abordados nesta comunicação. Vale ressaltar que esta pesquisa não teve como foco a realização de um levantamento quantitativo dos textos, mas buscou, por meio de estudos reconhecidos pela comunidade científica, retomar a discussão sobre elementos norteadores do processo mediador que podem apoiar o avanço de reflexões sobre o tema.

2 Construção de sentido e significado nas práticas de mediação da leitura

Ao tratar do ato de ler, é necessário considerar as diversas expressões culturais, formais e simbólicas que estão em volta dos sujeitos, uma vez que elas são passíveis de leitura (MARTINS, 1988). Pode-se compreender a leitura como uma ação que possibilita ao sujeito se apropriar das diversas expressões que o cercam e lhe propiciam experienciar novas

perspectivas por meio de relações sociais e simbólicas, já que a leitura se desenvolve individual e coletivamente. Assim, a leitura se soma às vivências que possibilitam o movimento do sujeito desde seu íntimo, até o agir na esfera social, levando-o a contribuir com a construção de uma consciência crítica diante de suas ações e do meio social de que faz parte.

Nessa conjuntura, justifica-se o entendimento do que é a leitura apresentada por Petit (2009, p. 11), para quem “a leitura é uma arte que se transmite mais do que se ensina [...]”. O ato de ler, para além do processo que envolve a decodificação, é associado às práticas sociais que requerem uma interpretação, a reflexão e o posicionamento do sujeito. Portanto, ler envolve aspectos tangíveis e intangíveis, que são transmitidos por meio de práticas, atitudes, gestos, sentimentos e símbolos que permeiam essa ação.

A compreensão de leitura apresentada por Petit (2009) pode ser relacionada às reflexões defendidas por Martins (1988) que demonstram a necessidade de uma formação e ação leitora que se desvinculem de um ato mecânico, na qual a memorização substitui a memória, e o hábito não reflete o exercício constante do saber e do experimentar, mas é uma repetição sem sentido e prazer, que conduz o sujeito ao processo de descontinuidade da leitura, seja pela falta de exercício ou pela limitação da interpretação e apropriação dos elementos que envolvem a leitura.

[...] mesmo na leitura do texto escrito não [é] apenas o conhecimento da língua que conta, e sim todo um sistema de relações interpessoais e entre as várias áreas do conhecimento e da expressão do homem e das suas circunstâncias de vida. Enfim, dizem os pesquisadores da linguagem, em crescente convicção: aprendemos a ler lendo. Eu diria vivendo (MARTINS, 1988, p. 12 - 14).

O processo inicial de formação do leitor conta com a apresentação de recursos que favorecem o domínio dos símbolos linguísticos. Nesse processo, o mediador é convidado a refletir sobre as possíveis associações que compõem o contexto sociocultural do sujeito. É difícil apresentar um símbolo que só existe na página de um livro assim como é complexo desenvolver o interesse por um texto em que muitos termos não são entendidos e associados ao seu cotidiano. Mais difícil ainda é apresentar uma realidade que seus próximos não lhe contam ou que não foi vivenciado. Então, como atrair, incentivar, proporcionar o prazer e o interesse por algo que não faz parte da realidade desse leitor? Por outro lado, se as associações são possíveis, se o contexto se entrelaça ao texto, e o leitor pode fazer associações entre elementos presentes em ambos, pode ocorrer uma relação ou um movimento que convida o leitor a ultrapassar os próprios limites estabelecidos por sua realidade social, como uma nova possibilidade que é desejada a partir da leitura, mas não imposta. Assim, o ato de ler torna-se um transitar entre o texto e o reconhecimento de sua experiência social, que pode

gerar conflito e necessidade de busca por novas interpretações que se somam ao conjunto de outros movimentos que permeiam o desenvolvimento do sujeito, conduzindo-o à tomada de ressignificação de sua vida e da interferência nas ações de outros sujeitos.

Dumont (2020, p. 39) afirma que “[...] toda ação social é carregada de significado” e que “[...] a apropriação do texto pelo leitor implica a produção de sentido, no qual se imprime a singularidade da leitura baseada na experiência individual de cada leitor. Leitura é construção de sentidos, de significados.” Então, compreende-se que cada sujeito lê de modo único, porque os leitores trazem consigo uma visão de mundo que se relaciona com as experiências e as apropriações. Isso denota que não se pode saber como um texto impactará a vida de um sujeito tampouco quais interpretações ele atribuiu ou atribuirá à leitura. Sabendo disso, o mediador da leitura deve apresentar um conjunto de práticas que não só possibilitem associações, mas também provocações e indagações por parte do sujeito.

A leitura pode ampliar o repertório cultural, social e intelectual do sujeito, com base no estabelecimento das relações e de atribuições a sentidos e significados presentes nos discursos, que podem favorecer o processo de conscientização e apropriação da informação que levam ao protagonismo social. Perrotti (1999, p. 31) defende que “[...] ler é uma atividade que envolve essencialmente um modo de relação com a linguagem e as significações.” Por isso, a leitura favorece a interação e promove encontros entre os diferentes sujeitos, para que possam sentir e refletir sobre o que é mediado.

A leitura, como uma ação consciente e política, pode contribuir para que o sujeito mude de postura e se torne atuante e questionador. Não se trata apenas de decodificar signos linguísticos, mas também os conhecimentos e as experiências que os sujeitos adquirem em todos os ambientes sociais de que fazem parte e das expressões de que se apropriam, o que contribui para o fortalecimento e reconhecimento identitário e para o alcance do protagonismo social. Nessa perspectiva, é essencial que o mediador oportunize o espaço dialógico, apoiando e incentivando esse sujeito durante sua formação crítica ao longo da realização de atividades de mediação da leitura. É preciso, ainda, proporcionar o acesso à leitura, visando expandir os horizontes do sujeito e potencializar seu desenvolvimento crítico, na perspectiva de refletir sobre sua existência, suas ações e o contexto sociocultural em que está inserido.

Para compreender as possibilidades e as contribuições que a mediação da leitura pode favorecer no processo de atribuição de sentido e significado, Costa e Santos Neto (2016, p. 6) afirmam que a mediação da leitura é assimilada como um método de aproximação entre o texto, o leitor e o mediador. Para os autores, a mediação da leitura oportuniza um espaço dialógico e confortável, no qual os sujeitos podem se expressar e trocar ideias acerca das

interpretações e das vivências que a leitura apresenta. Nas atividades de mediação da leitura, os mediadores têm a possibilidade de desconstruir possíveis estranhamentos entre a leitura e o sujeito, visando favorecer a interpretação, a apropriação e a formação crítica.

A mediação consciente da leitura demanda uma elaboração sistemática, desde seu princípio, tendo como foco o desenvolvimento social e singular do sujeito que participa da atividade. Também demanda uma análise sobre os dispositivos utilizados durante a ação que visam estimular o sujeito a refletir e a recriar partindo das interpretações e das perspectivas que lhe são apresentadas no momento de troca que ocorre entre o leitor, o mediador, a leitura e os demais sujeitos.

Para isso, é necessário o olhar atento e cuidadoso do mediador, que, conforme Bortolin (2007), é o “[...] indivíduo que aproxima o leitor do texto. Em outras palavras, o mediador é o facilitador dessa relação [...]”, ou seja, é o agente transformador que está atento às necessidades do sujeito e, por isso, atua de forma consciente na escolha dos dispositivos e das atividades a serem realizadas. Por essa razão, é possível inferir que o mediador é um agente fundamental para o desenvolvimento do protagonismo social, intelectual e interpessoal na sociedade contemporânea. A partir dessa premissa, compreende-se que a mediação da leitura realizada de forma consciente é essencial no contexto sociocultural e contribui para que os sujeitos não só reconheçam seus traços identitários, como também os reafirme durante um processo de significação e percepção do seu papel como protagonistas sociais.

Nesse sentido, pode-se citar o entendimento de Sousa, Santos e Jesus (2020) que, ao refletir sobre a mediação da leitura, fizeram uma aproximação dessa ação com o conceito de mediação da informação defendido por Almeida Júnior (2015). Para as autoras, a mediação da leitura é uma

[...] ação realizada conscientemente por um profissional da educação, da informação e/ou da cultura, de maneira individual ou coletiva, que propicie uma leitura singular ou plural na ambiência dos dispositivos informacionais, sociais e culturais, na perspectiva de possibilitar a apropriação da informação. (SOUSA; SANTOS; JESUS, 2020, p. 18)

De acordo com a reflexão das autoras, se a leitura for mediada de maneira consciente, pode alcançar e modificar o sujeito tanto de maneira singular, quanto na pluralidade que envolve o seu contexto sociocultural. Além disso, as autoras consideram a mediação da leitura nos diversos ambientes, sejam eles culturais, sociais ou informacionais. Essa troca de experiências mobilizadas pela leitura e por sua mediação é carregada de sentidos e significados e não podem ser compreendidas como ações neutras, mas como ações de interferência que visam à apropriação da informação por parte do sujeito-leitor.

Para Bortolin (2010, p. 107), a mediação da leitura favorece o “[...] posicionamento sociocultural no sentido de levar o cidadão a ler diferentes textos para que ele, com autonomia, exerça plenamente seu papel de cidadão.” Portanto, a reflexão apresentada pela autora reforça a discussão tecida até aqui sobre o poder transformador que a leitura e, conseqüentemente, a sua mediação podem ter. Através delas, os sujeitos conquistam subsídios para enfrentar situações repreensivas e se colocam na luta e na defesa pelo bem coletivo, exercendo seu papel de cidadão e se reconhecendo como protagonista. Compreende-se que a mediação da leitura conta, inicialmente, com uma relação interpessoal, para que exista uma aproximação entre o dispositivo e o sujeito-leitor. Na interação entre mediador e sujeito, é impreterível a comunicação entre ambos, porque o agente mediador usará de “[...] uma cadeia de signos no sentido de obter uma compreensão mútua entre usuários e profissionais” (ALMEIDA, 2012, p. 14). Essa interação será estabelecida através do diálogo, que é “[...] um fortalecedor das ações transformadoras” (GOMES, JESUS, 2019, p. 5). Essa presença do dialogismo no processo de mediação da leitura fomenta sua relação com a Semiótica, tendo em vista que envolverá elementos tratados nessa área do conhecimento, como explica Almeida (2012):

Assim como para a Semiótica, mediar no contexto das interações sociais, pressupõe uma instância semiótica de trocas simbólicas de elementos informativos. ‘Semiótico’ porque recorre ao uso de signos e tem como objetivo a produção dialógica de significados. O dialogismo é uma característica da própria evolução do pensamento, e não poderia ser diferente com a mediação da informação. Sendo assim, o jogo dos signos, com a intenção proposital de atribuir significados, como empresa humana, está na gênese do processo mediativo (ALMEIDA, 2012, p. 13).

Apesar de o autor tratar do dialogismo no âmbito da mediação da informação, também se pode atribuir esse aspecto à mediação da leitura, em razão de ser um processo mediativo no qual o agente utiliza os signos para que, no diálogo inicial, ele consiga perceber os esquemas do leitor, que são o pré-conhecimento, as vivências e as memórias, as quais emergem do ato de ler (PINTO, 2018). Ao conseguir identificar esses esquemas e, a partir deles, escolher os dispositivos que serão trabalhados durante a ação, será possível provocar interesse nos sujeitos e contribuir para uma promissora construção de sentido e significado.

De acordo com Dumont (2020, p. 46),

O sentido não precede o texto, não está nele depositado nem é uma proposição pronta, acabada. É no texto sim, mas através do ato da leitura, que se produzem os sentidos. Em outras palavras, o sentido é um valor e o texto é um pretexto, um potencial de sentido para leitura que põe em jogo dois textos, sendo o sentido aquilo que está em jogo em ambos.

A mediação da leitura, como uma ação que aproxima os sujeitos e os incentiva a ler, pode ser concebida como um processo que aciona nos sujeitos a produção de sentidos. Santos (2014, p. 82) afirma que “o sentido é construído por meio das experiências sociais individuais e das interações, portanto, são moldados pela cultura e correspondem a interesses de grupo.” Entender que o sentido não está preso ao texto e é construído por meio das interações proporciona que as ações mediadoras contem com a utilização de diversos dispositivos e linguagens, por isso o sentido pode ser mais amplo e subjetivo (VYGOTSKY, 2000), enquanto o significado pode ser visto de uma forma pragmática, porque

[...] **significar é interpretar**, assim como classificar é conhecer. Isso significa que, ao apreender o sentido do conceito e estabelecer significados, **o leitor interpreta o texto de acordo com seus juízos e interações [...], é que a interpretação depende em parte do texto proposto e/ou da influência cultural que esse texto tem na comunidade**. Definimos cultura, no atual contexto, como todos os fenômenos vistos como sociais, históricos, e temporais. (PINTO, 2018, p. 349, grifo nosso).

Associar o significado à interpretação consolida o fato de que o processo de significação está estritamente ligado ao contexto de que o sujeito faz parte, razão por que tem vínculo com as singularidades, com a constituição memorialística do sujeito e sua leitura de mundo e com as experiências e os fatores culturais e sócio-históricos, conforme o pensamento exposto por Santos (2014, p. 85).

A produção de significados é contextual, e os contextos não são livremente intercambiáveis, a leitura é baseada na relação dialógica entre leitura-texto e texto-contexto. Dessa forma, o sentido relaciona-se ao contexto imediato e sócio-histórico e, para o leitor, importa o meio social e histórico concreto em que ele opera. Assim, a leitura é uma atividade social marcada pela historicidade dos sujeitos, as vozes que os constituem e sua situação material de vida.

Perante o exposto, é indispensável refletir sobre a importância do desenvolvimento de atividades de mediação da leitura que, ao serem realizadas de forma consciente e incentivadora, apoiem a (trans)formação do sujeito-leitor. Por isso é imprescindível um olhar ético e humanizador dos mediadores. Esses agentes devem considerar o contexto social em que os sujeitos estão inseridos, abrangendo o processo de significação e o contexto atual, para que o leitor estabeleça relação entre ambos os contextos e produza sentido, novas ideias, ressignifique e seja capaz de estabelecer diálogos, compartilhar experiências e fortalecer sua identidade.

3 Mediação da leitura e o (re)conhecimento identitário para alcançar o protagonismo social

A constituição da identidade do sujeito está intimamente ligada à memória, seja ela individual ou coletiva. Desde a antiguidade, o sujeito já demonstrava a necessidade de registrar seu cotidiano. Tal ato demonstra uma preocupação de constituir uma memória que representava como esses sujeitos se identificavam dentro do seu meio e as relações sociais, preservadas através dos seus registros. Ao longo da trajetória histórica, o sujeito foi aprimorando os dispositivos que materializam indícios de memória e identidade que são alinhados ao seu respectivo tempo histórico e cultural.

A cultura, assim como a memória, é um elemento que faz parte do processo de construção da identidade, por isso é movente e está em constante estruturação, de modo que o sujeito se encontra inserido no processo de identificação de acordo com as decisões que toma e as posições que assume no âmbito social. Stuart Hall (2006, p.38) afirma que “a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo 'imaginário' ou fantasiado sobre sua unidade.” Essa reflexão do autor denota que a identidade de um sujeito é constituída de características singulares que ele obtém através de suas experiências e que o torna único em seu ambiente social, ao mesmo tempo em que carrega consigo aspectos constituintes do outro.

A relação da memória está estreitamente ligada à evocação de acontecimentos que versam a história de diversos grupos sociais, por isso a importância da memória coletiva e não somente da psíquica e individual. No que tange à memória coletiva, no decorrer de sua historicidade, contribui para constituir narrativas identitárias e identificar o sujeito. Tolentino (2018) assevera que

A representação de memórias e identidades coletivas é tarefa árdua e fortemente marcada por questões ideológicas, pois necessariamente nesse processo estão presentes os conflitos que envolvem disputas políticas, econômicas e simbólicas que permeiam o jogo social de constituição das narrativas identitárias. (TOLENTINO, 2018, p. 62).

A constituição da memória está relacionada ao processo de ressignificação de fatos e de pertencimento, que sofre influências sociais e políticas, que podem favorecer a problematização e o processo dialógico entre os sujeitos, sendo possível provocá-los a atribuir sentidos e significados às questões que o cercam, de forma a identificar-se nesse meio e, a partir disso, construir sua identidade.

De acordo com Oliveira (1976, p. 33), o sujeito

[...] não pensa isoladamente, mas através de categorias engendradas pela vida social. A identidade se constitui em duas dimensões, a individual e a coletiva, ambas interagem com os artefatos culturais, os quais transparecem informações.

Partindo dessa reflexão exposta por Oliveira (1976) e, anteriormente, por Stuart Hall (2006) sobre a constituição identitária, nota-se que essas 'categorias' permeiam o cotidiano da coletividade e possibilitam um movimento de vivências que constituem tanto a memória coletiva quanto a individual, pois, como já citado, a memória individual não está restrita ao sujeito e pode estar relacionada às lembranças do coletivo, de sua ancestralidade e de seu contexto sociocultural.

A memória pode ser concebida como sinônimo de recordação ou de representação, como forma de preservar um ato passado, imagens vistas ou falas ouvidas. Estes podem estar associados a contextos individuais ou coletivos, nos quais as memórias se referem não apenas ao sujeito em si, mas ao grupo ou espaço em que ele está inserido. (SOUSA; SÁ; BUFREM, p. 620, 2020).

Em vista disso, compreende-se que, por meio dos registros memorialísticos e de suas significações, os sujeitos se sentem pertencentes ao contexto de que fazem parte. Destarte, evidencia-se que, ao passo que o sujeito se identifica como integrante de uma coletividade, reflete sobre a importância de sua atuação e assume uma postura política e consciente. Assim, ele poderá atuar como protagonista social.

Em relação ao protagonismo social, entende-se que, ao assumir esse papel, o sujeito pode contribuir para fazer mudanças em seu meio e provocar questionamentos e reflexões acerca de questões sociais, fazendo com que outros sujeitos possam enfrentar situações de opressão e reivindicar um lugar de voz. Portanto, 'ser protagonista' significa resistir e lutar para que todos possam ser ouvidos e respeitados. Trata-se de reconhecer seu pertencimento e abordar, com a devida importância, problemas que envolvam interesses sociais e coletivos (FARIAS; FARIAS; ALMEIDA, 2017).

O protagonista nem se recusa, nem assimila aprioristicamente o saber, a palavra do outro. Ele expõe-se, arrisca-se, coloca-se em diálogo permanente com a diferença, constrói o *si mesmo* na alteridade, em interlocução. Sua memória o protege, ainda que não se feche jamais nela mesma. O protagonista não é prisioneiro nem do *eu*, nem do *nós*. Está em estado permanente de regulação entre forças contrárias e inevitáveis que atuam no jogo das significações. Ele confronta signos, palavras, memórias, valores. Torna própria a informação de outrem, dá vida, carnalidade, imprime suas marcas aos signos, devolvendo-os ao espaço público de onde se originam. (PERROTTI, 2017, p. 23, destaque do autor)

Percebe-se que, apesar de suas crenças, memórias e identidade, o sujeito não deixa de notar as singularidades que constituem o outro, pelo contrário, ele aprende na convivência

com os demais sujeitos e ressignifica seu agir nessas diferenças. Existe a somatória de suas vivências com a dos que compartilham do mesmo meio social que ele. O sujeito protagonista não “se cala”, ele atua em busca da alteridade e compreende que as singularidades de cada sujeito contribuem para a diversidade do seu contexto sociocultural.

Ainda a respeito do protagonismo social, Gomes (2019) defende que ele

[...] representa, em sua essência, uma ação de resistência contra a opressão, discriminação, apartheid social, rejeição, desrespeito e negação ao diferente, por esta razão, não se pode falar em protagonismo, omitindo-se que este ao mesmo que resulta da ação mediadora também a impulsiona e, por conseguinte, também reflete na dimensão política desta ação (GOMES, 2019, p. 11).

A partir do pensamento exposto pela autora, é possível inferir uma relação entre o reconhecimento identitário do sujeito com o protagonismo social, uma vez que ele entende que, ao assumir seu lugar de fala e compreender a importância de lutar contra o silenciamento, existe um processo (trans)formador não só das suas ações, mas também das ações dos sujeitos e o fortalecimento de sua construção identitária. Ainda sobre esse processo de descoberta do sujeito como protagonista e a construção de sua identidade, é necessário refletir sobre a mediação da leitura no contexto sociocultural em que esse sujeito se encontra inserido. De acordo com Sousa, Santos e Jesus (2020),

Quando a mediação da leitura é embasada no contexto sociocultural em que o sujeito está inserido, possibilita que ele ressignifique os elementos informacionais e culturais constituintes do seu meio e se aproprie deles. Nessa conjuntura, a mediação da cultura e a mediação da informação são essenciais no processo de mediação da leitura, ao possibilitar que o sujeito se aproprie dos artefatos que compõem sua identidade cultural, em uma relação de pertencimento com sua estrutura sociocultural. (SOUSA; SANTOS; JESUS, 2020, p. 2).

Nota-se que a mediação da informação e a mediação da cultura fundamentam o processo de realização consciente da mediação da leitura e possibilitam uma relação entre a construção da identidade e o protagonismo social, visto que a presença de um agente mediador, tal como o desenvolvimento de atividades de mediação da leitura, contribui para a ressignificação e a apropriação das expressões que compõem o contexto sociocultural desse sujeito, oportunizando o espaço de voz e o compartilhamento de vivências. Assim, é necessário que o mediador da leitura tenha consciência da importância do seu papel na formação de um sujeito socialmente crítico, atuando como protagonista social e fazendo com que o sujeito também se reconheça como um.

É importante salientar que a mediação da leitura, como um ato reflexivo de questões sociais, políticas e econômicas, requer do mediador uma sistematização das atividades que

ultrapasse possíveis barreiras que podem interferir na formação desse leitor, porque nem todos os sujeitos desfrutam das mesmas oportunidades de acesso e incentivo à leitura. Sendo assim, o desenvolvimento de atividades de mediação da leitura pode contribuir não só para aproximar o sujeito da leitura, como também para oferecer subsídios para que ele possa problematizar o seu contexto sociocultural, reconhecer-se como protagonista, ressignificar sua percepção de mundo e atuar na transposição dessas barreiras.

Nessa relação, a incidência de contextos sociais díspares faz com que cada sujeito estabeleça uma relação com a leitura, de modo a ressignificá-la e lhe atribuir sentidos. Como menciona Paulo Freire (2011), a leitura do mundo precede a leitura da palavra, dessa maneira, a interpretação realizada por cada leitor dependerá de suas experiências, por isso o mediador deve considerar esses aspectos de modo que ocorra um olhar humanizado.

[...] a apropriação da informação não é por nós compreendida como um ato imediato, mecânico ou 'natural'. É, antes, um ato produtivo, envolvendo a mobilização de diferentes capacidades em movimentos de construção de sentidos. (PIERUCCINI, 2007, p. 2)

Pieruccini (2007) enuncia que, ao considerar a mediação da leitura como um 'ato produtivo', o mediador atua no desenvolvimento da competência leitora do sujeito, em um processo de interferência em que possa refletir sobre as questões do seu entorno e possibilitar questionamentos que promovam mudanças significativas para o seu coletivo. Ainda de acordo com esse pensamento, no processo de mediar a leitura, é importante que o agente mediador reflita sobre os aspectos culturais que permeiam determinado ambiente, para que possa ocorrer o fortalecimento identitário e o reconhecimento de pertencimento, como afirmaram Sousa, Santos e Jesus (2020).

Assim, compreende-se que o mediador da leitura, ao alcançar uma consciência política, provoca os sujeitos a superarem os obstáculos sociais, ao mesmo tempo em que os impulsiona a refletir sobre sua atuação e possibilita que eles interpretem as expressões culturais que o cercam, o que contribui para que reconheçam a importância do seu contexto sociocultural.

4 Considerações finais

A reflexão sobre a atribuição de sentidos e significados alcançados por meio da interferência da mediação da leitura deve considerar o repertório cultural constituído pelas práticas e narrativas sociais que o leitor traz consigo. Nesse contexto, a mediação da leitura é um ato político que possibilita o compartilhamento de um espaço de voz, que fortalece,

empodera e possibilita uma (trans)formação por parte dos sujeitos, considerando que cada um tem em sua individualidade contribuições que fortalecerão a coletividade.

Dessa forma, os sujeitos/leitores poderão atribuir sentidos e significados a partir das leituras em três aspectos que ocorrem simultaneamente e, em algumas situações, inconscientemente, durante a mediação da leitura: a apropriação do texto, ou seja, do compartilhamento do saber de um autor; a interação que promove o dialogismo com os demais leitores que integram a atividade, inclusive o mediador; e o repertório informacional que foi constituído por meio de suas vivências, que refletem sua memória e identidade. Assim, os mediadores e os pesquisadores que estudam e refletem sobre a mediação da leitura devem considerar o exercício de analisar constantemente as atividades mediadoras a partir dos três aspectos citados, de modo a se reconhecerem como agentes que provocam e apoiam mudanças significativas na formação e na constituição identitária do sujeito/leitor.

Nessa perspectiva, o agente mediador da leitura deve provocar, na atividade coletiva, o compartilhamento de narrativas que possibilitarão o desenvolvimento do sujeito/leitor para além do que foi possível alcançar no exercício de sua individualidade. Assim, poderá, por meio de ações coletivas, que valorizem a leitura e o sujeito em sua dimensão individual, alcançar a alteridade e um fazer humanizador que subsidie ações protagonistas.

À vista disso, o mediador da leitura deve considerar também os traços memorialísticos e identitários que permeiam a narrativa dos sujeitos durante sua exposição nas atividades de leitura, considerando tais traços para ampliar ações que colaborem para o fortalecimento individual e/ou coletivo no processo de construção identitária do sujeito e possibilite o reconhecimento desse coletivo como um lugar de pertencimento e de fala.

A postura que o sujeito assume no processo de reconhecimento do seu lugar de fala contribui para fortalecer sua identidade e possibilitar que reflita sobre aspectos que norteiam e demonstram a importância da cultura e da preservação da memória. Nesse processo, quando as atividades de mediação da leitura são realizadas de maneira consciente, atuam de forma a despertar o interesse e o gosto do indivíduo pela leitura, apoiando no alcance de tomada de posição quanto é necessário ressignificar seu contexto e fortalecer outros sujeitos, multiplicando as possibilidades de eles também atuarem como protagonistas de sua realidade. Assim, a mediação consciente da leitura pode colaborar para a construção identitária do sujeito e alcançar um caráter (trans)formador, que impulsiona a ação e o reconhecimento do protagonismo social de leitores críticos e conscientes, a fim de ampliar a luta contra a opressão e interferir no processo de mudanças em favor da coletividade.

Referências

- ALMEIDA, C. C. Mediação como processo semiótico: em busca de bases conceituais. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 5, p. 1-18, 2012. Acesso em: 24 fev. 2021.
- ALMEIDA, L. M. de; FARIAS, G. B. de; FARIAS, M. G. G. Empoderamento e protagonismo social na práxis bibliotecária. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v.16, p.3, 2020. Disponível em: <https://docplayer.com.br/199978575-Empoderamento-e-protagonismo-social-na-praxis-bibliotecaria.html> Acesso em: 21 fev. 2021.
- BARROS, M. H. T. C. de. A mediação da leitura na biblioteca. In: BARROS, M. H. T. C. de. **Leitura: mediação e mediador**. São Paulo: Ed. FA, 2006, p. 17-22.
- BARROS, M. S. F.; LEITE, S. R. M. Ludoteca e o brincar na infância: um olhar à luz da perspectiva sócio histórica. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO EDUCERE, 11., 2013, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Curitiba, 2013. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/ANAIS2013/pdf/7400_6106.pdf Acesso em: 5 mar. 2021.
- BORTOLIN, S. **O mediador de leitura**. 2007. Disponível em: http://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=302 Acesso em: 2 maio 2014.
- COSTA, A. C. C.; NETO, J. A. S. Brinquedotecas e ludotecas: ambientes para a mediação da leitura no Paraná. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 21, n. 2, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/69011> Acesso em: 5 mar. 2021.
- DUMONT, L. M. M. Construtos próprios sobre leitura na Ciência da Informação. In: DUMONT, Lígia Maria Moreira (org.). **Leitor e leitura na Ciência da Informação: diálogos, fundamentos, perspectivas**. Belo Horizonte: ECI/UFMG, 2020. cap. 1, p. 21-52.
- FREIRE, P. Carta de Paulo Freire aos professores. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 15, n. 42, Ago. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142001000200013&lng=en&nrm=iso Acesso em: 5mar. 2021.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 51.ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- GOMES, H. F. Protagonismo Social e Mediação da Informação, **LOGEION: Filosofia da informação**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, mar./ago. 2019. Disponível em: <http://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4644/4046> Acesso em: 21 fev. 2021.
- HALL, S. **Identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- JESUS, I. P.; GOMES, H. F. A mediação da leitura no viés das dimensões da mediação da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 20., 2019, Florianópolis. **Anais eletrônicos [...]**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/122545> Acesso em: 12 nov. 2020.
- MARTINS, M. H. **O que é leitura**. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1998. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/30652716/O-que-e-Leitura-Maria-Helena-Martins> Acesso em: 8 mar. 2021.

OLIVEIRA, R. C. de. **Identidade, Etnia e Estrutura Social**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976.

PERROTTI, E. Leitores, ledores e outros afins (apontamentos sobre a formação ao leitor). *In*: PADRO, Jason; CONDINI, Paulo (org.). **A formação do leitor: pontos de vista**. Rio de Janeiro: Agnus, 1999. cap. 5, p. 31- 43.

PERROTTI, E. Sobre informação e protagonismo cultural. *In*: GOMES, Henriette Ferreira; NOVO, Hildenise Ferreira. **Informação e protagonismo social**. Salvador: EDUFBA, 2017, cap. 1, p. 11- 25.

PETIT, M. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: Editora 34, 2008. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/xe5vv> Acesso em: 8 mar. 2021.

PIERUCCINI, I. Ordem informacional dialógica: mediação como apropriação da informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. **Anais...** Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2007. Disponível em: <http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT3--159.pdf> Acesso em: 21 fev. 2021.

PINTO, L. Significados e contextos: leitura e interpretação na ciência da informação. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, v. 16, n. 3, p. 338-354, 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8652462> Acesso em: 16 fev. 2021.

SANTOS, J. O. C. Uma discussão sobre a produção de sentidos na leitura entre Bakhtin e Vygotsk. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, v. 32, n. 62, p. 75-86, jun. 2014. Disponível em: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/241/140> Acesso em: 25jan. 2021.

SILVA, I. P.; SILVA, W. T. N.; LOURENÇO, A. Contação de história como mediação de leitura: contribuição na formação do bibliotecário. **Ciência da Informação em Revista**, v. 3, n. 2, p. 10-17, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/36360> Acesso em: 25 fev. 2021.

SOUSA, A. C. M. de; SANTOS, R. do R.; JESUS, I. P. de. Mediação da cultura, da informação e da leitura para o protagonismo social. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 16, p. 1-20, 2020. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1333/1226> Acesso em: 22 fev. 2021.

SOUSA, A. L. M. de; SÀ, P. I. B. de; BUFREM, L. S. Memória e Oralidade: a cantoria de viola e a contação de histórias na Região do Cariri Cearense. **Revista Ibero-americana de Ciência da Informação**, Brasília, v. 13, n. 2, p. 619-635, maio/agosto 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/28269/26280> Acesso em: 21 fev. 2021.

TOLENTINO, Á. B. Memórias coletivas e narrativas museológicas: limites e conflitos da representação de identidades. **Revista Memorare**, Tubarão, v. 5, n. 1, p. 63, jan./abr. 2018. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/memorare_grupeg/article/view/6301/381 Acesso em: 21 fev. 2021.

VYGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.